



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO**

## **Manguebeat**

Como fortalecer o movimento sem perder a sua  
essência?

**Pedro Frota Pires Rebello**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - CCS**

**DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO**

**Graduação em Administração de Empresas**

Rio de Janeiro, Junho de 2023.



**Pedro Frota Pires Rebello**

## **Manguebeat**

**Como fortalecer o movimento sem perder a sua essência?**

### **Trabalho de Conclusão de Curso**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao programa de graduação em Administração da PUC-Rio como requisito parcial para a obtenção do título de graduação em Administração.

Orientadora: Alessandra Baiocchi Antunes Corrêa

Rio de Janeiro  
Junho de 2023.

“A Ciência conseguiu juntar o mangue com o mundo e de lá saiu, o Mangueloy malungo.” Nação Zumbi

## **Agradecimentos**

Queria agradecer primeiramente à Deus.

À minha mãe por todo apoio em tudo na minha vida.

Ao meu pai que apesar das discussões, no fim sempre cedeu às minhas doidices.

À Fê por sempre me ouvir e me dar os melhores conselhos sempre que eu precisei.

À Dadá por estar sempre presente.

Aos meus avós e meu Padrinho Silvio que estão no céu torcendo por mim e orgulhosos dessa conquista.

À minha incrível orientadora Ale Baiocchi, sem ela nada disso seria possível.

Aos meus amigos de vida.

Ao Chico Science

À toda cultura popular brasileira que tem resistido firmemente ao longo desses anos mesmo com todas as dificuldades.

A todos os entrevistados que me ajudaram muito na pesquisa de campo. Um abraço especial ao Marcus, que acionou Recife inteira para ser entrevistada.

## Resumo

REBELLO, Pedro. Mangubeat: Como fortalecer o movimento sem perder a sua essência. Rio de Janeiro, 2023. Número de páginas 52p. Trabalho de Conclusão de Curso – Departamento de Administração. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta pesquisa teve como objetivo investigar o atual cenário do Mangubeat e propor maneiras de fortalecer o movimento sem comprometer sua essência trazida no início da década de 1990. Para isso, foram utilizados dados secundários e realizadas entrevistas com indivíduos que possuem alguma ligação com a cidade de Recife. A análise dos dados secundários permitiu compreender os fatores determinantes que contribuíram para a criação do Mangubeat como um movimento musical e cultural. Através das entrevistas, foi possível perceber a visão da população recifense em relação ao movimento no atual cenário musical e fonográfico. Os resultados indicam uma perda significativa de influência do Mangubeat em comparação com o seu lançamento inicial na década de 1990. Como resultado do estudo, para manter o movimento vivo é fundamental fazer novas leituras e atualizar o Mangubeat para dialogar com as novas gerações.

Palavras-chave: Mangubeat, Música, Coortes Geracionais, Recife, Pernambuco.

## **Abstract**

REBELLO, Pedro. Mangubeat: How to enhance the movement while preserving its essence. Rio de Janeiro, 2023. Número de páginas 52p. Trabalho de Conclusão de Curso – Departamento de Administração. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This research aimed to investigate the current scenario of Mangubeat and propose ways to strengthen the movement without compromising its essence brought in the early 1990s. To achieve this, secondary data was utilized, and interviews were conducted with individuals who have a connection to the city of Recife. The analysis of secondary data allowed us to comprehend the determining factors that contributed to the creation of Mangubeat as a musical and cultural movement. Through the interviews, it was possible to perceive the perspective of the people from Recife regarding the movement in the current phonographic scene. The results indicate a significant loss of influence of Mangubeat compared to its initial release in the 1990s. As a result of this study, it is essential to make new interpretations and update Mangubeat to engage in a dialogue with the new generations in order to keep the movement alive.

Keywords: Mangubeat, Music, Generational Cohorts, Recife, Pernambuco.

## Sumário

1 Introdução	1
1.1. Tema e Problema de Estudo	1
1.2. Delimitação do Estudo	3
2 Contexto e realidade investigada	4
2.1. História de Pernambuco	4
2.2. Cultura Musical de Pernambuco	8
2.2.1. Maracatu	8
2.2.2. Frevo	11
2.3 Eventos que levaram à criação do Mangubeat	15
2.3.1 A Cidade	15
2.3.2 Os Movimentos Culturais	16
2.4 Mangubeat	17
2.5 Coortes Geracionais	24
3 Passos Metodológicos	27
3.1 Etapa 1	27
3.2 Etapa 2	28
3.3 Etapa 3	29
3.4 Limitações do Método	30
4 . Apresentação dos Resultados	31
4.1. Entrevistados da geração Seja Você Mesmo (nascidos após 1992)	31
4.1.1. Entrevistados da geração Seja Você Mesmo (nascidos após 2002)	32
4.1.2. Entrevistados da geração Seja Você Mesmo (nascidos entre 1992 e 2002)	33
4.2. Entrevistados da geração Década Perdida e Anos de Ferro (nascidos entre 1968 e 1991)	35
4.3. Entrevistados da geração Otimismo (nascidos entre 1955 e 1967)	38

5 Discussões e Propostas	40
5.1. Falta de Apelo para as Novas Gerações	40
5.2. A sucessão de Chico Science	41
5.3. Novos caminhos para o Mangubeat	42
6 . Conclusão	44
7. Referências	47
8. Anexo	52



# 1 Introdução

## 1.1. Tema e Problema de Estudo

A música brasileira é reconhecida mundialmente por sua diversidade e relevância, e o estado de Pernambuco destaca-se nesse cenário. Com uma cultura musical rica em movimentos como o Frevo, Maracatu, Coco, Ciranda e outros, Pernambuco sempre foi um estado musicalmente forte. A história de Pernambuco está intrinsicamente ligada aos seus ritmos e, por ser um dos estados mais antigos do Brasil, juntamente com a Bahia, alguns de seus movimentos culturais e musicais remontam ao início do século XVIII. É o caso do Maracatu, que era inicialmente celebrado pelo povo escravizado para eleger os representantes das senzalas no Brasil Colônia (MARCIANO; LIMA, 2014; PORTAL DO MARACATU, [s.d.]; VALOIS, 2020).

Com o passar dos séculos, os ritmos pernambucanos foram se consolidando cada vez mais, no entanto, após o Golpe Militar em 1964, a cultura foi deixada de lado pelos então governantes do estado de Pernambuco e pouco se produziu de inovações culturais e musicais. Nesse período, estes movimentos eram vistos como uma ameaça pelos militares, portanto, foram criadas leis e medidas para cercear a prática de todos os movimentos culturais no estado. Apenas o frevo tinha espaço durante o Carnaval para apresentar suas agremiações carnavalescas, com data e hora previamente definidas pelos militares e, essas agremiações, apenas podiam performar nas passarelas construídas para o Carnaval, pondo um fim aos blocos de rua. (TELES, 2019).

Com a Redemocratização em 1985, o povo recifense se encontra em uma cidade com pouca inovação musical e muito decaída. Em 1991 um órgão das Nações Unidas elegeu Recife como a quarta pior cidade do mundo para se viver. A população de Recife estava sem orgulho e sem sentimento de pertencimento à própria cidade (TELES, 2019).

O Mangubeat surge no início da Década de 1990, após o declínio das bandas de Brock (Rock Brasileiro dos anos 80) para recolocar Recife no cenário internacional de forma positiva. É um ritmo que se destaca por unir batidas tradicionais pernambucanas como: Frevo, Maracatu, Ciranda, Coco, dentre

outros, com os novos ritmos que estavam surgindo especialmente nos Estados Unidos como: Rap, Funk, Rock e Música Eletrônica (TELES, 2019).

Os seus principais idealizadores foram: Chico Science criador da Banda “Chico Science & Nação Zumbi” e Fred Zero Quatro criador da banda “Mundo Livre S/A”. Em 1992, Fred Zero Quatro escreve o manifesto: “Caranguejos com Cérebro” que marca oficialmente o início do movimento Mangubeat. Após isso, o Mangubeat ganha proporção internacional e o disco “Afrociberdelia” do grupo “Chico Science & Nação Zumbi” alcança a marca de 100 mil cópias vendidas, o que lhes rendeu um disco de ouro e trouxe Recife de volta à cena da música mundial, além de recuperar o orgulho de sua população com a cidade, que desde o golpe militar havia sido perdida (BEZERRA; REGINATO, 2017).

Segundo Garcia (2019) o Mangubeat foi o último grande movimento da música brasileira popular de alcance nacional e internacional após o Tropicalismo. Outros ritmos como a Jovem Guarda, o Clube da Esquina, o Rock dos anos 80 e mais recentemente o Rap e o Funk Carioca, também foram e são cenas muito importantes para o Brasil, contudo nenhum deles surgiu como inovação em forma de manifesto.

O movimento Tropicalista alcançou destaque e é reconhecido até hoje, com suas obras sendo expostas em museus. No Tate Modern, um museu de arte contemporânea em Londres, há uma seção dedicada exclusivamente ao movimento, permitindo aos visitantes explorar e aprender mais sobre o Tropicalismo. (MUSEU TATE MODERN, 2007).

Entretanto, o Mangubeat perdeu a força que tinha no seu lançamento após a morte de seu principal idealizador, Chico Science em 1997. Entre 1994 e 1997 o movimento era notícia na Inglaterra, Estados Unidos, França, Bélgica e Holanda. Hoje, Chico Science é nome de rua e de túnel em Recife, possui estátua na cidade e sua obra sempre é tocada no Carnaval da capital pernambucana. Contudo, é pouco falado e escutado no cenário nacional e internacional (BEZERRA; REGINATO, 2017; TELES, 2019).

Tendo em vista a relevância do movimento enquanto expressão cultural urbana de Recife, fica uma indagação: Como fortalecer o movimento Mangubeat para as novas gerações sem perder sua essência?

## **1.2. Delimitação do Estudo**

Este estudo tem como foco entender o movimento Manguebeat através da opinião de pessoas que nasceram em Recife ou tenham uma relação próxima com a cidade.

Foram entrevistadas pessoas com idades entre 60 e 12 anos. Indivíduos que sejam residentes de outras cidades também poderiam ser entrevistados, desde que já tivessem morado na cidade de Recife em algum momento de sua vida.

## **2 Contexto e realidade investigada**

### **2.1. História de Pernambuco**

Pernambuco é o estado mais antigo do Brasil juntamente com a Bahia. A ocupação portuguesa data de 1501, quando Gaspar de Lemos instalou feitorias no litoral do nordeste brasileiro, para extração da cana de açúcar e pau-brasil. Antes da ocupação portuguesa era povoado por tribos indígenas da região. Em 1534, o então rei de Portugal, Dom João III, começa a se utilizar do sistema das capitanias hereditárias, com a capitania de Pernambuco na época capitania de Nova Lusitânia, sendo destinada ao seu donatário Duarte Coelho (GOVERNO DE PERNAMBUCO, 2017).

Com Duarte Coelho, o estado prospera com mais da metade da exportação da cana de açúcar da colônia sendo provenientes da capitania de Pernambuco, se tornando um importante polo econômico. Assim, foi formada a primeira vila da região, Olinda em 1535 (BEZERRA, [s.d.]).

Em 1537 é oficialmente criada a cidade de Recife, sendo adjacente a Olinda. No início eram apenas 14 lotes de capitanias que foram distribuídos para os donatários. Vale frisar que a capitania de Pernambuco, ocupava os territórios onde hoje ficam os estados da Paraíba, Rio Grande do Norte, Alagoas, Ceará e parte da Bahia. Diante desse fato fica claro a enorme importância da capitania de Pernambuco para Portugal (BEZERRA, [s.d.]).

A produção de açúcar gerou interesse de outros povos como os ingleses, os franceses e os holandeses, até que em 1630 os holandeses invadiram o território sob o comando do Conde Maurício de Nassau e da companhia das Índias orientais. Nassau então queima a cidade de Olinda e se instala em Recife declarando-a capital da colônia holandesa no Brasil (BEZERRA, [s.d.]).

Maurício de Nassau traz ideias administrativas importantes para Pernambuco, gerando avanços econômicos, políticos e sociais. Nessa época é notório que o estado começa a receber influências holandesas. Incluindo referências artísticas, onde podemos destacar artistas renomados como: Frans Post e Albert Eckhout. Existe registro de que estes foram os primeiros a retratar através de pinturas o cotidiano dos moradores do estado pernambucano. Olinda, também foi a primeira cidade na América portuguesa a ter uma sinagoga

construída em seu território. Nessa mesma época, Maurício de Nassau permite a liberdade religiosa visto que os integrantes da companhia das Índias orientais eram majoritariamente judeus e protestantes (GOVERNO DE PERNAMBUCO, 2017).

No entanto, mesmo com todo o progresso que ia sendo implementado, a alta participação sobre os lucros cobradas pelos holandeses, juntamente com a estagnação econômica da região, a partir do ano de 1640, fez com que os senhores de engenho portugueses comesçassem a ficar cada vez mais insatisfeitos. No ano de 1645, Maurício de Nassau deixa Pernambuco permanentemente rumo à sua terra natal, a Holanda. Assim, os senhores de engenho com o apoio de negros alforriados e povos indígenas organizam a chamada insurreição pernambucana e iniciam o movimento de expulsão dos holandeses de Pernambuco. Vale a pena frisar que a insurreição pernambucana tem a duração de nove anos e findou com a Batalha dos Guararapes, no Morro dos Guararapes, no ano de 1649 (FERNANDES, [s.d.]; PINTO, [s.d.]).

A partir de então, começa-se uma série de disputas e revoltas locais pelo controle de Pernambuco. Inicia-se nesta época a construção de um sentimento de nação e de donos daquele território entre os pernambucanos além de uma miscigenação entre europeus, índios e negros (GOVERNO DE PERNAMBUCO, 2017).

No início do Século XVIII, o açúcar começa a ser produzido em diversos países no mundo e perde valor econômico enfraquecendo Olinda. Em contraponto, a economia de Recife começa a crescer significativamente com os comerciantes portugueses, pejorativamente chamados de mascates pelos senhores de engenho. Os senhores de engenho nessa época não estavam mais no seu apogeu financeiro e se encontravam endividados. O Confronto dos Mascates teve início no ano de 1709, com a invasão de Recife pelos senhores de engenho. O motivo que originou a invasão foi o fato de Recife querer se elevar a condição de Vila e não ser mais subordinada à Olinda. Tal confronto só é encerrado em 1711 com a intervenção da coroa portuguesa apaziguando os ânimos e dando vitória aos mascates, tornando Recife a mais nova capital do Estado e prendendo senhores de engenho que haviam invadido Recife (BARBOSA, [s.d.]; FERNANDES, [s.d.]; FIGUEIREDO, 2018).

No início do século XIX, com a vinda da corte Portuguesa para o Rio de Janeiro em 1808, houve um aumento significativo dos impostos. Outros fatores também geraram revolta na população local. Podemos destacar uma série de acontecimentos como: a perda de território com a emancipação do estado do

Ceará, e a crise econômica gerada pela desvalorização da cana de açúcar, resultando assim na Revolução Pernambucana de 1817, o último movimento de caráter separatista do Brasil Colônia. A revolta era cerceada por ideais liberais e iluministas e composta por padres, militares e produtores e comerciantes da região que defendiam a liberdade religiosa. O movimento reivindicava o fim dos impostos da Coroa Portuguesa e uma maior igualdade social. A revolução de 1817 é tão importante na história do estado que a bandeira utilizada pelos libertários inspirou diretamente a bandeira do estado de Pernambuco. Para enaltecer o importante movimento, o dia 6 de março que marca a data inicial da revolução é um dos feriados estaduais mais importantes de Pernambuco até os dias de hoje (HIGA, [s.d.]; OLIVEIRA, 2017; SILVA, [s.d.]).



Figura1: A bandeira separatista de Pernambuco com as três estrelas representando A Bravura, A Liberdade e O Amor à Pátria

Fonte: Disponível em <<https://www.pernambucoindependente.com/bandeiras-de-pernambuco>>



Figura 2: Bandeira atual do estado de Pernambuco

Fonte: Disponível em <<https://www.pernambucoindependente.com/bandeiras-de-pernambuco>>

A revolução teve seu fim em 20 de maio do mesmo ano com a vitória da Coroa Portuguesa, que enviou tropas para o estado de Pernambuco e triunfou perante os manifestantes pernambucanos, executando os líderes da revolução em praça pública para mostrar seu poder e evitar futuras revoluções (HIGA, [s.d.]; SILVA, [s.d.]).

Após a independência do Brasil, Pernambuco enfrentou uma recessão econômica cada vez maior pela dependência da produção de algodão e cana de açúcar perdendo espaço na economia nacional e necessitando ampliar suas atividades econômicas. Por conta disso, os governantes do estado resolveram explorar outros setores: industrial e de serviço, incluindo o turismo (GOVERNO DE PERNAMBUCO, 2017)

Todos esses movimentos históricos e a miscigenação da população ao longo dos séculos da história pernambucana trouxeram diferentes influências artísticas e culturais para o estado. Nas próximas seções serão abordados o avanço cultural ao longo dos séculos, e os estilos musicais tais como o Maracatu, o Frevo, o Manguebeat e outros movimentos culturais.

## **2.2. Cultura Musical de Pernambuco**

A cultura musical de Pernambuco é formada por diversos estilos entre os quais: Maracatu, Frevo, Manguebeat, Baião, Coco e Ciranda. para o Manguebeat, foco deste trabalho, o Maracatu e o Frevo são os estilos mais influentes, portanto serão aprofundados nas próximas sessões.

### **2.2.1. Maracatu**

O Maracatu apresenta dois estilos, o Maracatu Baque Virado, também conhecido como Maracatu Nação e o Maracatu Baque Solto, também conhecido como Maracatu Rural. Nesta seção vamos explorar mais o Maracatu Nação, posto que temos muito pouco registro formal sobre o Maracatu Rural.

Um dos mais populares e mais antigos movimentos culturais pernambucanos é o Maracatu Baque Virado, também conhecido como Maracatu Nação. Os primeiros registros dessa dança datam o ano de 1711. Esse estilo de Maracatu é um movimento cultural de resistência negra. No Brasil colonial, os senhores de escravos tinham alguns artifícios para manter a ordem e evitar possíveis revoltas dos escravos. Para isso, eles permitiam que os escravos elegessem representantes denominados Reis e Rainhas do Congo Africano. Esses Reis e Rainhas intermediavam as conversas entre os senhores das terras e o povo escravizado, para reivindicar as necessidades dos escravos. Nesses eventos eram realizadas grandes festas musicais, organizadas pelos escravos. Sendo assim, a origem do ritmo Maracatu é advinda a partir das músicas tocadas nessas coroações (MARCIANO; LIMA, 2014; PORTAL DO MARACATU, [s.d.]; VALOIS, 2020).

A origem do nome Maracatu é de cunho preconceituoso e racista. No começo, Maracatu era o termo designado pela população branca e europeia para designar qualquer bagunça organizada pela população negra. Era sinônimo de confusão e desordem. Sempre que tinha um grupo de pessoas negras reunidas ou realizando qualquer evento, mesmo que não fosse uma manifestação musical, aquilo para a população branca de Recife do Século XVIII era designado de Maracatu (MELO, 2021).

O nome Nação é dado pela forma que os grupos de Maracatu se organizam. Esses grupos são mais uma consequência da miscigenação da população pernambucana, e, portanto, possuem diferentes origens como: povos



indígenas e de religiões de matriz africana como o Xangô e o Candomblé. Algumas dessas nações são grupos seculares e datam seu início no Brasil Colônia se mantendo ativos até os dias de hoje (MARCIANO; LIMA, 2014; PORTAL DO MARACATU, [s.d.]; VALOIS, 2020).

Apesar de cada grupo de Maracatu Nação ter suas origens diferentes e peculiaridades na maneira de executar as danças, algumas características são comuns a todas as nações. Uma dessas características em comum é a formação das alas das Nações. A seguir serão descritos os elementos que geralmente compõe as alas Nações do Maracatu (ASSOCIAÇÃO CULTURAL AFRO-BRASILEIRA MARACATU NAÇÃO PICI, 2021; MONTEIRO, 2021).

O evento começa pela Corte, que é capitaneada pelo Porta Estandarte e pela Dama do Paço que traz consigo uma boneca negra feita geralmente de pano denominada Calunga. O Rei e a Rainha até hoje são as principais figuras do cortejo e são considerados as figuras de maior destaque da festa (Figura 3). As Mucamas e Vassalos completam a Corte. Algumas das outras alas mais comuns encontradas nos cortejos são: a alas das Baianas que são as representações das escravizadas; o Balaieiro que era o vendedor de frutas na época do Brasil colonial; a ala dos Africanos que representam os primeiros africanos que chegaram ao Brasil; a ala dos Orixás que abençoam o cortejo; a ala dos Índios em homenagem aos povos indígenas (geralmente essa ala vem seguindo o Porta Estandarte) e finalmente o casal de Pretos Velhos que representam a sabedoria e ancestralidade africana. Geralmente esses Pretos Velhos eram escravizados que morriam de velhice ou torturados e costumavam contar histórias na senzala para os outros escravizados (ASSOCIAÇÃO CULTURAL AFRO-BRASILEIRA MARACATU NAÇÃO PICI, 2021; MONTEIRO, 2021)



Figura 3: Cortejo de Maracatu Nação. Rei e Rainha no primeiro plano liderando a coroação.

Fonte: Disponível em <<[https://www.olinda.pe.gov.br/maracatu-nacao-pernambuco-foto-passarinho-6882641449\\_ec5c50d7dc\\_o/](https://www.olinda.pe.gov.br/maracatu-nacao-pernambuco-foto-passarinho-6882641449_ec5c50d7dc_o/)>>

Além da Corte e das diversas alas, todo o grupo de Maracatu tem seus músicos, que embalam as danças e cortejos. A esse grupo dá-se o nome de Batuqueiros que trazem toda a musicalidade com diversos instrumentos. Como instrumentos principais dos Batuqueiros, destacam-se: as Alfaias; os Gonguês; as Caixas de guerra; os Ganzás; os Xequerês e os Atabaques (AFONSO, [s.d.])

Além do Maracatu Nação, também existe o Maracatu de Baque Solto ou Maracatu Rural. Sua origem diferencia-se do primeiro, pois esse tem sua origem na Zona da Mata no interior do estado de Pernambuco e tem sua origem a partir das brincadeiras e festividades praticadas pelos trabalhadores do campo na época. (BORGES; MEDEIROS, 2003)

Teles (2019) conta que Chico Science compareceu à um evento internacional em Nova York – E.U.A. no ano de 1996 vestido de Ponta de Lança (Figura 4), a principal figura do Maracatu Baque Solto, dando visibilidade para o estilo.



Figura 4: Ponta de Lança também conhecido como Caboclo de Lança, principal figura do Maracatu Rural.

Fonte: Disponível em

<<<https://www.festasbrasileiras.com.br/post/2017/03/04/curiosidades-sobre-o-maracatu-rural>>>

Outro importante movimento musical, que faz parte da história e cultura pernambucana é o Frevo. Na próxima sessão será abordado um pouco de sua criação e como até hoje o Frevo se mantém relevante, tanto do ponto de vista cultural como turístico e econômico, tornando-se em 2007, Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pelo IPHAN.

### **2.2.2. Frevo**

Diferente do Maracatu que tem suas origens nas fazendas e engenhos do século XVIII, o Frevo é um movimento cultural de origem urbana. Ele é iniciado e popularizado nas ruas e tem sua origem na cidade de Recife. O Frevo inicialmente é chamado de “Marcha de rua” e era composto majoritariamente por militares e policiais de uma Recife em crescimento acelerado (SARMENTO, 2010).

No início do Século XVIII, o Carnaval estava começando a tomar conta das ruas de Recife, as bandas de militares eram apreciadas tanto pela população quanto pelo governo local. Durante a revolução de 1817, abordada anteriormente,

os militares que tocavam em concertos pelas cidades, visando oferecer entretenimento e cultura regional, eram remunerados pelo estado como forma de incentivo. Com a Lei Áurea e o fim da escravidão em 1888, os ex-escravizados, recém promovidos à classe trabalhadora, necessitavam de trabalho para se sustentar e assim começam a fazer parte da montagem dessas “Marchas de Rua” para ganhar dinheiro. Assim, o ritmo começa a ganhar várias influências culturais de ritmos africanos como a capoeira e ganhar cada vez mais corpo (IPHAN, [s.d.]; SARMENTO, 2010)

Apenas no início da década de 1920 as “Marchas de Rua” ganham o nome de frevo. Esse nome é dado, pois a palavra vem do verbo “ferver”. Com um ritmo bastante acelerado, fez-se um jogo de palavras e trocaram a ordem das letras “E” e “R”, criando o verbo “frever” (CAETANO, [s.d.]; SARMENTO, 2010).

O Frevo é caracterizado por danças muito agitadas e ritmadas. Existem catalogados mais de 100 passos diferentes de Frevo, e seus coreógrafos utilizam fantasias características, extremamente coloridas e complementadas com um pequeno guarda-chuva, para performarem suas danças. Esses guarda-chuvas fazem alusão aos negros que lutavam capoeira (Figura 4). Com a proibição da capoeira pelo estado de Recife, a sombrinha era uma espécie de arma branca utilizada pela população negra, caso fosse necessário entrar em embate com a polícia (CAETANO, [s.d.]; IPHAN, [s.d.]).



Figura 5: Sombrinhas típicas dos blocos de Frevo

Fonte: Disponível em <<<https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/frevo-danca-cultura-pernambucana.htm/>>>

Conforme vimos anteriormente, o termo designado no Maracatu aos grupos praticantes é “Nação”, no Frevo esses grupos são chamados de “Clubes”. Cada um desses “Clubes” leva em seus blocos de Carnaval os seus respectivos estandartes personalizados com os nomes e cores de cada bloco (MELO, 2021a)

O Frevo está conectado com a criação de Recife como cidade e a de seus moradores como cidadãos. A simbiose entre Recife e o Frevo é tamanha, que em 2012 foi reconhecido pela Unesco como Patrimônio Imaterial da Humanidade. (IPHAN, 2017)

Sarmiento (2010) descreve os três tipos diferentes de frevo, cada um com características distintas:

1.O Frevo de Rua: É o tipo de frevo mais popular e mais comumente encontrado no carnaval de rua de Recife. Recebe esse nome pois deve ser tocado sempre nas ruas. É composto apenas de instrumentos, não havendo a presença de vocalistas nem de letras de música. É o frevo “original”, inspirado nas marchinhas de rua tocadas pelos militares no século XVIII e o mais presente no carnaval de Recife. Seus instrumentos mais populares são: saxofones, trompetes, tubas e trombones.

2.O Frevo de Bloco: É um frevo cantado, com músicas autorais dos clubes e executados por um vocalista. Foi criado pelos portugueses no início do século XX e, portanto, recebeu influência do carnaval do Rio de Janeiro, sendo um ritmo bastante similar aos encontrados nas ruas do carnaval carioca.

3.O Frevo-Canção: É uma mistura dos dois primeiros. Tem uma parte introdutória apenas instrumental e com ritmo acelerado muito similar ao frevo de rua, contudo na segunda parte ele desacelera e vira uma marchinha carnavalesca cantada, assim como no frevo de bloco.

Entre tantos “Clubes” e agremiações do Carnaval Pernambucano, existe um em específico que se destaca nacionalmente e internacionalmente, pelo seu tamanho e número de seguidores chamado Galo da Madrugada (Figura 5). Sempre saindo no sábado de Carnaval ele desfila pelas ruas do centro de Recife. O Galo da Madrugada tem uma duração de cerca de 9 horas de folia e representa bem o tamanho do Frevo na cidade de Recife. Ele teve início no ano de 1978 e era formado por cerca de 75 foliões acompanhando uma orquestra de frevo de 22 músicos. Sua popularidade é tão grande, que o Galo da Madrugada foi considerado pelo Guinness Book o maior bloco de Carnaval do planeta, levando em média mais de dois milhões de pessoas por ano para as ruas do centro de Recife (GALO DA MADRUGADA, [s.d.] )



Paulo Montezuma (1985) tem uma citação que resume a essência da cultura musical do Frevo e sua importância sociocultural para a cidade de Recife ao falar sobre o Galo da Madrugada:

O Galo da Madrugada invade o centro da cidade de tal maneira que não se sabe mais quem é o Galo, quem olha para o Galo, quem não é o Galo, onde está o Galo. O galo é o povo. São as pessoas que sonham, cantam, brincam, sem preconceitos e sem cordas de isolamento, sob o sol ou a chuva, com dinheiro ou sem dinheiro. (MONTEZUMA, 1985)



Figura 6: Galo da Madrugada marcando o início do carnaval em Recife e mostrando a atmosfera do carnaval na cidade

Fonte: Disponível em <<<https://vivariomarrecife.com.br/conveniencia-e-servicos/expresso-da-folia-leva-foliao-para-o-galo-da-madrugada/>>>

Todos esses estilos musicais que fazem parte da história pernambucana são de extrema importância para a criação do Mangubeat. Tanto o Frevo quanto o Maracatu tiveram influência direta em sua criação. Contudo, para entender o Mangubeat como movimento musical, é necessário antes contextualizarmos os eventos que levaram os jovens de Recife da década de 1990 a criação do que mais tarde seria o movimento Mangubeat.

## 2.3 Eventos que levaram à criação do Manguebeat

### 2.3.1 A Cidade

Recife, que teve sua fundação em 1537, está intimamente ligada aos seus manguezais. A cidade foi construída sobre uma planície costeira predominantemente ocupada por manguezais. Os rios Capibaribe e Beberibe cortam a cidade ao meio e se estendem por quase todo seu território (Figura 7). Com o início da expansão acelerada nos anos de 1950, muitos desses mangues foram aterrados para a construção de indústrias e edifícios. Mesmo o aterramento de vários manguezais, Recife ainda possui atualmente 5,4 quilômetros quadrados ocupados por áreas de mangue (SOUZA, 2017) .



Figura 7: Mapa Turístico de Recife que ilustra como os Rios Capicaribe e Beberipe ocupam boa parte de seu território.

Fonte: Disponível em << <https://mapasblog.blogspot.com/2012/03/mapas-de-recife-pe.html/>>>

Ainda nos anos de 1950, Recife foi se expandindo de maneira desordenada e houve uma grande migração do campo para a cidade. A cidade na década de 1950 já comportava mais de meio milhão de habitantes. Contudo, não havia

estrutura para tantas pessoas. Assim começa o processo de degradação e favelização dos arredores do centro de Recife (GOVERNO DE PERNAMBUCO, [s.d.]; SOUZA, 2017; TELES, 2019). A classe pobre da cidade começa a construir suas casas no entorno e em cima dos manguezais. Para isso, era feita a retirada da madeira do mangue para a construção de palafitas (estrutura utilizada para a construção de casas sobre áreas alagadas). Com isso, comunidades inteiras, como a Ilha de Deus localizada na Zona Sul da cidade, começam a surgir a partir de áreas de mangue e a cidade começa a ter problemas (SOUZA, 2017; TELES, 2019).

A situação de Recife foi piorando gradativamente a cada ano que se passava. Em 1991 um órgão das Nações Unidas realizou um estudo utilizando critérios como: Educação; Saneamento Básico; Produto Interno Bruto (PIB); dentre outros aspectos para eleger as melhores e piores cidades do mundo para se morar. Nessa pesquisa Recife terminou como a quarta pior cidade do mundo, fato tão marcante para a população recifense que Chico Science no álbum “Da Lama ao Caos” faz um verso na música “Antene-se” fazendo alusão ao estudo: “Entulhados à beira do Capibaribe, na quarta pior cidade do mundo, Recife” (MELO, 2021b; TELES, 2019).

### **2.3.2 Os Movimentos Culturais**

Apesar de Recife ser reconhecida como uma cidade musical, os movimentos culturais recifenses foram perdendo força ao longo do século XX. Até 1964, ano do golpe militar, o Maracatu Nação, o Caboclinho e o Frevo eram ritmos que faziam parte da essência da cidade e protagonizavam todas as festividades populares organizadas em Recife. Contudo, após os militares tomarem o poder, esses movimentos foram considerados subversivos. Até o Maracatu Nação, que nessa época já estava sendo consumido pela alta classe de Recife, tornou-se um movimento periférico novamente (TELES, 2019).

Durante a ditadura, os militares viam os movimentos culturais populares como uma ameaça ao seu governo e com isso implantaram diversas leis e medidas para cercear suas práticas. Apenas o frevo continuou fortalecido, por ser o protagonista do Carnaval Pernambucano. O frevo era muito tocado nas rádios e vendido nas lojas de disco (TELES, 2019).

Os Clubes e Agremiações de Frevo, só poderiam performar suas apresentações na passarela montada pelos militares com hora e data previamente definidos. A cultura popular que outrora fora forte na cidade, havia virado apenas



um objeto de estudo para historiadores e músicos. Durante o governo militar, a propagação de informações era limitada e, portanto, recifenses que não morassem nas periferias ou na Zona da Mata, onde o Maracatu Rural era presente, muitas vezes nem sabiam da existência desses movimentos culturais (TELES, 2019).

Como consequência, Pernambuco parou de exportar artistas de renome para o cenário nacional da música brasileira, com o último sendo Alceu Valença. A cidade de Recife nos pós ditadura clamava por novos ritmos, e com a volta da propagação livre de informações o Maracatu Nação volta a ter destaque, com a Criação do Maracatu Nação Pernambuco em 1990. Mesmo assim, a nova geração da cidade queria mais, e, com os ritmos americanos influenciando o cenário da música mundial, como: o Hip Hop, o Break Dance e o Funk Americano, o Manguê chega no momento perfeito e entrega o que a população recifense estava clamando (MELO, 2021b; TELES, 2019).

## **2.4 Manguêbeat**

No início da década de 1990, o BRock (o Rock Nacional dos anos 1980), que havia surgido com bandas como Paralamas do Sucesso, Barão Vermelho, Legião Urbana, Blitz, dentre outras, já começava a perder força. Portanto houve um hiato de estilo musical entre o final da década de 1980 e final da década de 1990 na indústria fonográfica brasileira (BEZERRA; REGINATO, 2017; TELES, 2019).

Para Telles (2019) o Manguêbeat não teria feito sucesso se fosse lançado na segunda metade da década de 1990. O autor acredita que os estúdios não teriam se dado ao trabalho de apostar em um ritmo experimental e completamente novo, que ia contra as facilidades comerciais proporcionadas pelo Axé Music, Pagode e Sertanejo.

O movimento do Manguêbeat, entretanto, não começa preocupado no cenário de estagnação da cena musical brasileira. Sua origem data o início da década de 1980, com o encontro de seus idealizadores e maiores símbolos: Francisco de Assis França, que anos mais tarde seria mais conhecido como Chico Science e Fred Rodrigues Montenegro mais conhecido como Fred Zero Quatro, fundador da banda Mundo Livre S/A. Nessa época, Chico e Fred flertavam com vários ritmos e influências de países distintos para se alinhar com as tendências globais, visto que o cenário artístico era quase nulo numa decadente Recife do fim do Século XX (BEZERRA; REGINATO, 2017; TELES, 2019).

Telles (2019), conta que Alceu Valença, numa entrevista para o Diário Oficial em março de 1992 comentou sobre a então estagnação cultural que se encontrava o estado e que o movimento do Manguebeat buscava combater: “O que acontece em Pernambuco é que nós somos extremamente conservadores. A gente quer o forró, mas quer que o forró seja exatamente do mesmo jeito.”

Chico Science e seus amigos começam a ser influenciados por ritmos americanos como: Rap, Funk, Rock e Música Eletrônica, mas sem esquecer de suas raízes pernambucanas com influências diretas do Maracatu Nação, Maracatu Rural e Frevo (BEZERRA; REGINATO, 2017; TELES, 2019).

Por conta dessa tentativa de ressignificação dos ritmos locais, o Manguebeat recebeu críticas por parte de conservadores da cultura popular brasileira. O movimento encabeçado pelo escritor Ariano Suassuna ficou conhecido como Movimento Armorial. Suassuna acreditava que a cultura popular brasileira deveria manter seus símbolos e tradições originais, quase que uma vertente ortodoxa da cultura nacional. Para Suassuna, colocar uma guitarra elétrica juntamente com os atabaques do Maracatu era uma ofensa à cultura popular e significava a americanização de nossos movimentos culturais. Sua principal obra literária, “O Auto Da Compadecida” escrita em 1955 traduz bem como o autor se preocupava em manter a tradição da cultura popular em sua forma original. De acordo com Suassuna, o Manguebeat era: “Música Internacional de Quarta Categoria” e fez uma analogia na qual disse que a ressignificação do frevo e do maracatu com os ritmos internacionais era o equivalente a colocar o Super-Homem ou a Mulher-Maravilha no romance “A Pedra do Reino” (BEZERRA; REGINATO, 2017; TELES, 2019).

No final da década de 1980, Chico Science começa a se destacar na cena *underground* da cidade de Recife, e batiza todos os simpatizantes de seu movimento de Mangueboys para os homens e Manguegirls para as mulheres. No início, o movimento do manguebeat era formado majoritariamente por jovens nascidos durante a ditadura militar, período em que houve controle de informação por parte do governo, portanto eram jovens ávidos por conhecimento e queriam conhecer todas as tendências de um mundo em processo de globalização (BEZERRA; REGINATO, 2017; TELES, 2019).

O objetivo final do Manguebeat sempre foi mirando a esfera regional, ou seja, recolocar Recife como uma capital musical e culturalmente efervescente e nunca visou uma esfera nacional, ou seja, atualizar o cenário musical brasileiro, que desde o Tropicalismo na década de 1970 não apresentava novos movimentos da música brasileira popular (BEZERRA; REGINATO, 2017; TELES, 2019).

O movimento foi tomando cada vez mais forma. Em 1991 nasce a banda Chico Science & Nação Zumbi, a principal e mais relevante banda do movimento Mangubeat. Outra banda relevante para o movimento Mangubeat é o “Mundo Livre S/A”, contudo essa banda não será o foco deste estudo e, portanto, não será retratada tão detalhadamente (BEZERRA; REGINATO, 2017; TELES, 2019).

Além disso, o movimento começa a criar suas simbologias. Os Manguelboys começam a se vestir de forma única, indo na contramão da moda na época e ressignificando os trajes do Maracatu, do Frevo e da Ciranda. Começam a utilizar camisas e calças estampadas, chapéus de palha típicos da ciranda, e óculos extravagantes (Figura 8). Chico Science muitas vezes ia para os shows com os sapatos comprados em camelôs, muito similares aos utilizados pelos lanceiros do Maracatu Rural. Na hora de escolher o símbolo do movimento procuraram algo que remetesse a cidade onde o movimento nasceu, Recife. Por isso, escolheram o caranguejo como seu principal símbolo, pois é o principal animal que habita nos mangues (LINS; MAIA, 2016).



Figura 8: Com Chico Science no meio, a figura mostra os Manguelboys do Chico Science & Nação Zumbi com suas vestimentas.

Fonte: Disponível em << <https://musicavidainterior.blogspot.com/2017/02/um-passo-frente-e-voce-nao-esta-no.html>>>

O movimento foi crescendo exponencialmente, em 1992 já havia cumprido seu objetivo inicial, devolver o orgulho e confiança ao povo recifense que havia sido perdido após anos de decadência da cidade. O Mangubeat já havia saído da cena *underground* e “Chico Science & Nação Zumbi” já era uma presença requisitada em todo e qualquer festival que acontecesse na cidade. Em julho do mesmo ano, Fred Zero Quatro escreve o marco inicial e oficial do movimento Mangubeat, no qual ele intitulou: “Manifesto Caranguejos com Cérebro”. Segue na íntegra o documento em sua versão original de 1992:

Mangue, o conceito.

Estuário. Parte terminal de rio ou lagoa. Porção de rio com água salobra. Em suas margens se encontram os manguezais, comunidades de plantas tropicais ou subtropicais inundadas pelos movimentos das marés. Pela troca de matéria orgânica entre a água doce e a água salgada, os mangues estão entre os ecossistemas mais produtivos do mundo.

Estima-se que duas mil espécies de microorganismos e animais vertebrados e invertebrados estejam associados à vegetação do mangue. Os estuários fornecem áreas de desova e criação para dois terços da produção anual de pescados do mundo inteiro. Pelo menos oitenta espécies comercialmente importantes dependem do alagadiço costeiro.

Não é por acaso que os mangues são considerados um elo básico da cadeia alimentar marinha. Apesar das muriçocas, mosquitos e mutucas, inimigos das donas-de-casa, para os cientistas são tidos como símbolos de fertilidade, diversidade e riqueza.

Manguetown, a cidade

A planície costeira onde a cidade do Recife foi fundada é cortada por seis rios. Após a expulsão dos holandeses, no século XVII, a (ex)cidade \*maurícia\* passou desordenadamente às custas do aterramento indiscriminado e da destruição de seus manguezais.

Em contrapartida, o desvairio irresistível de uma cínica noção de \*progresso\*, que elevou a cidade ao posto de \*metrópole\* do Nordeste, não tardou a revelar sua fragilidade.

Bastaram pequenas mudanças nos ventos da história, para que os primeiros sinais de esclerose econômica se manifestassem, no início dos anos setenta. Nos últimos trinta anos, a síndrome da estagnação, aliada a permanência do mito

da \*metrópole\* só tem levado ao agravamento acelerado do quadro de miséria e caos urbano.

Mangue, a cena

Emergência! Um choque rápido ou o Recife morre de infarto! Não é preciso ser médico para saber que a maneira mais simples de parar o coração de um sujeito é obstruindo as suas veias. O modo mais rápido, também, de infartar e esvaziar a alma de uma cidade como o Recife é matar os seus rios e aterrar os seus estuários. O que fazer para não afundar na depressão crônica que paralisa os cidadãos? Como devolver o ânimo, deslobotomizar e recarregar as baterias da cidade? Simples! Basta injetar um pouco de energia na lama e estimular o que ainda resta de fertilidade nas veias do Recife.

Em meados de 91, começou a ser gerado e articulado em vários pontos da cidade um núcleo de pesquisa e produção de idéias pop. O objetivo era engendrar um \*circuito energético\*, capaz de conectar as boas vibrações dos mangues com a rede mundial de circulação de conceitos pop. Imagem símbolo: uma antena parabólica enfiada na lama.

Hoje, os manguemoys e manguemoys são indivíduos interessados em hip-hop, colapso da modernidade, Caos, ataques de predadores marítimos (principalmente tubarões), moda, Jackson do Pandeiro, Josué de Castro, rádio, sexo não-virtual, sabotagem, música de rua, conflitos étnicos, midiotia, Malcom Maclaren, Os Simpsons e todos os avanços da química aplicados no terreno da alteração e expansão da consciência.

Bastaram poucos anos para os produtos da fábrica mangue invadirem o Recife e comecem a se espalhar pelos quatro cantos do mundo. A descarga inicial de energia gerou uma cena musical com mais de cem bandas. No rastro dela, surgiram programas de rádio, desfiles de moda, vídeo clipes, filmes e muito mais. Pouco a pouco, as artérias vão sendo desbloqueadas e o sangue volta a circular pelas veias da Manguetown.

Foi a partir desse manifesto também que Fred Zero Quatro cria a imagem símbolo do movimento: Uma antena parabólica enfiada na lama (Figura 9). Na qual a antena parabólica simboliza essa busca por influências externas de tudo que está vindo de fora, e ela se encontra enfiada na lama, para simbolizar que ao

mesmo tempo eles não deixam de lado suas raízes e seus ritmos locais (BEZERRA; REGINATO, 2017; TELES, 2019).



Figura 9: A imagem Símbolo do movimento Manguebeat: A Antena Parabólica Enfiada na Lama.

Fonte: Disponível em << <https://musicavidainterior.blogspot.com/2017/02/um-passo-frente-e-voce-nao-esta-no.html>>>

Em 1994, o grupo Chico Science & Nação Zumbi lança em parceria com a Sony Music seu primeiro álbum: “Da Lama Ao Caos” no qual eles fazem diversas críticas sociais à cidade de Recife. O álbum foi um sucesso de críticas e de vendas, com o destaque para a pluralidade de ritmos e instrumentos presentes no álbum. Com isso, a banda realizou turnês nacionais e ficou conhecida em todo território brasileiro (BEZERRA; REGINATO, 2017; TELES, 2019).

No ano de 1995, o sucesso da banda era tamanho que o grupo realizou a turnê internacional “From Mud to Chaos”, uma tradução literal de “Da Lama ao Caos”. Foram realizados mais de 10 shows em diversos países como: Estados Unidos, França, Bélgica, Alemanha, Suíça e Holanda com o destaque para o show

realizado no *Central Park* em Nova Iorque, no qual tocaram junto com Gilberto Gil (BEZERRA; REGINATO, 2017; TELES, 2019).

A repercussão da turnê internacional foi muito positiva para a Chico Science & Nação Zumbi. Em decorrência de seu sucesso internacional e do número de vendas de seu primeiro CD, em 1996 o grupo lança seu segundo álbum: “Afrociberdelia” (BEZERRA; REGINATO, 2017; TELES, 2019).

Após o lançamento de seu segundo CD, a banda atinge seu apogeu. “Afrociberdelia” é mais um sucesso de críticas e de vendas e Chico Science & Nação Zumbi ganham renome nacional e internacional, recebendo destaque até do renomado jornal americano *The New York Times* em 25 de junho de 1996. A matéria do *The New York Times* concretiza de vez o objetivo inicial de todo movimento Manguebeat que era colocar Recife em destaque no mundo por sua cena cultural, como podemos ver em trecho da mesma matéria:

A música brasileira tem um novo celeiro: Recife, em Pernambuco. Na noite do último sábado, Pernambuco veio ao Prospect Park Band Shell para tocar no show Celebrate Brooklyn, como parte do Brazilian Music Festival. O *Lineup* triplo incluía um tradicional grupo de forró, Banda de Pífanos de Caruaru, e os dois principais conjuntos de rock do Recife: Chico Science & Nação Zumbi e Mundo Livre S/A. Recife cultiva o Manguebeat, um ambicioso e radical movimento batizado em homenagem aos pântanos dos manguezais locais, onde a lama fértil faz crescer de tudo. Fiel ao sincretismo brasileiro, o Manguebeat mistura o nacional com o internacional, o velho com o novo; ritmos como o Maracatu são combinados com o Rock Pesado e o Hip-Hop (THE NEW YORK TIMES, 1996, apud BEZERRA; REGINATO, 2017, p. 129).

As principais faixas de “Afrociberdelia” são: “Maracatu Atômico” e “Manguetown”, ambas relacionadas aos ritmos pernambucanos e fazendo crítica sociais à cidade de Recife. O álbum foi mais um sucesso e com isso, outra turnê internacional se inicia e se estende por quase todo o ano de 1996 (BEZERRA; REGINATO, 2017; TELES, 2019).

Após o ano de 1996 ter sido um sucesso para o grupo, Chico permanece em sua cidade natal, Recife, para aproveitar o carnaval de 1997. No Domingo, 2 de fevereiro de 1997, Chico Science perde o controle do Fiat Uno de sua irmã, vai de encontro a um poste e é declarado morto após ser socorrido por uma equipe

médica. Recife toda se mobiliza para seu funeral, cerca de 10 mil pessoas, a maioria vestidas como Manguelboys e Manguelgirls, compareceram ao velório de Chico, cantando várias de suas canções e jogando caranguejos em seu túmulo como forma de homenagem. Também estavam presentes: os grupos de Maracatu Nação Indiano e Nação Estelar, o grupo de Maracatu Rural Piaba de Ouro, 12 Estandartes de Agremiações Carnavalescas, além de celebridades como: Alceu Valença, Moraes Moreira e o seu até então desafeto Ariano Suassuna, que apesar de na ocasião não ter dado entrevista, foi encontrado as lágrimas na cerimônia. (BEZERRA; REGINATO, 2017).

Após a morte de Chico Science, Jorge Du Peixe, um dos outros integrantes da banda, assumiu o protagonismo e renomeou o nome do grupo apenas para “Nação Zumbi”. Jorge Du Peixe assumiu os vocais e a composição das músicas. Entretanto, a partir de então a banda nunca mais conseguiu reproduzir o mesmo sucesso e foi perdendo cada vez mais espaço no cenário musical. O movimento Manguelbeat como um todo foi perdendo seus Manguelboys e Manguelgirls que já começavam a escutar outros ritmos no final da década de 1990 como: o Axé Music, o Pagode e o Sertanejo. Ainda houve uma segunda leva de Manguelboys nas quais os principais grupos são: Cordel do Fogo Encantado, Bonsucesso Samba Clube e Mombojó. Entretanto, nenhum desses grupos conseguiu reproduzir o sucesso de “Chico Science & Nação Zumbi” (BEZERRA; REGINATO, 2017).

Portanto apesar do Manguelbeat ter sido muito relevante para a história de Recife, atualmente ele perdeu muito a sua força e seu principal legado é a recuperação do orgulho que a população de Recife voltou a ter pela cidade e por seus diversos ritmos.

## **2.5 Coortes Geracionais**

As coortes geracionais são uma forma de segmentação de mercado. Criada em 1977 por Norwal D. Glenn, com o seu estudo “Cohort Analysis” as coortes geracionais já tiveram vários estudos acadêmicos relacionados a elas aos longos dos anos. Strauss e Howe (1991), identificaram as cinco principais gerações americanas e as relacionaram de acordo com datas históricas importantes, como: Primeira e Segunda Guerras Mundiais, Guerra do Vietnã e Assassinato do John Kennedy.



A partir disso, os autores criam diferentes coortes, acreditando na ideia de que pessoas nascidas no intervalo de tempo entre uma corte e outra, tenham características, interesses e particularidades relacionadas ao intervalo de tempo no qual nasceram.

A maioria desses estudos, no entanto, são retratados a partir do ponto de vista americano, com todos esses acontecimentos tendo ocorrido em solo americano, ou tendo influência direta dos Estados Unidos.

Motta, Rossi e Schewe (2002) tentaram, a partir de uma visão de intercâmbio cultural, analisar como os valores americanos impactam na cultura brasileira. Com isso, foram criadas coortes geracionais do Brasil, com marcos históricos nacionais, tais quais: a era Vargas, O Golpe Militar de 1964 e a Redemocratização.

Para esse estudo, notou-se uma semelhança maior do movimento Manguêbeat com as segmentações de coorte geracionais criadas por Motta, Rossi e Schewe (2002), portanto esse será o foco principal desse subcapítulo.

De acordo com Motta, Rossi e Schewe (2002), existem seis principais coortes geracionais no Brasil, são elas:

1ª – Era Vargas (1930-1945): Marcada por uma ditadura militar de Getúlio Vargas e os EUA vivendo uma recessão econômica. Apesar de ditador, Vargas era sobretudo carismático. Criou diversas leis trabalhistas e diminuiu a desigualdade social. Com a população com pouco acesso a educação e a industrialização ainda em fase embrionária no Brasil, os trabalhadores brasileiros não se importavam com bens materiais. As pessoas dessa coorte tendem a ser: conservadoras, religiosas e simples.

2ª – Pós Guerra (1945-1954): Nessa época o Brasil era um país democrático. Durante esse período, uma onda moralista fez a população se importar ainda mais com a religião e a família tradicional brasileira. Com a industrialização já sendo uma realidade, a população, principalmente das classes mais altas, começou a consumir produtos importados e gostar de bens materiais. As pessoas dessa coorte tendem a ser: bondosas hospitaleiras e sentimentais.

3ª – Otimismo (1955-1967): Com os militares tomando o poder em 1964, a rápida industrialização e o aumento dos salários, os brasileiros começaram a ver o próprio país de maneira otimista, como o próprio nome da coorte afirma. As televisões e rádios propagavam uma imagem de que o país estava progredindo economicamente e essa época é marcada pela volta do nacionalismo. As pessoas dessa coorte tendem a ser: Sentimentais, Otimistas e Não Gostavam de desordem.

4ª – Anos de Ferro (1968-1979): Como já visto anteriormente no Subcapítulo 2.3, durante a ditadura militar, os movimentos culturais eram maus vistos pelos militares. Com isso, essa época foi marcada pelo período de maior repressão por parte dos ditadores. Isso gerou medo, alienação e resistência da população. Mesmo assim, movimentos culturais como o Tropicalismo marcam esse período. Relações pessoais eram vistas com desconfiança e a cultura do brasileiro ser “malandro” e querer tirar vantagem em cima dos outros começou a ser incentivada pela televisão. Na parte econômica, o país tem um crescimento exponencial e acontece uma ampliação do sistema educacional. Essa coorte é marcada por uma necessidade de liberdade pessoal e uma falta de líderes nos campos políticos, sociais e culturais.

5ª – Década Perdida (1980-1991): Foi uma época marcada pela incerteza. Com o enfraquecimento da ditadura militar, a censura chegava ao seu fim. É uma geração que tinha medo da Aids e da violência urbana. No campo econômico, foi marcado por diversos planos econômicos frustrados. Começa nessa época uma divergência entre muitos usuários de drogas e grupos evangélicos que demonizam as drogas e a subcultura. É uma coorte marcada por discussões abertas sobre temas como sexo e drogas e começa-se a ter uma maior preocupação com o meio ambiente.

6ª – Seja Você Mesmo (Pós 1992): Como ainda não possui uma coorte depois dessa, não existe um ano que a encerre. É uma coorte que tenta recuperar valores éticos e morais. Os principais marcos históricos é a criação da internet e do plano real que levou a uma estabilização da inflação no país. É uma geração que se preocupa com o meio ambiente e o consumismo. Também conhecida como Geração Digital, essa coorte se caracteriza pelo aumento da taxa de desemprego e privatizações das empresas.

Portanto, com o Mangubeat se tratando de um ritmo originário do Brasil, e enxergando maior similaridade entre o Mangubeat e as coortes geracionais do Brasil, nesse estudo os entrevistados foram divididos de acordo com as coortes geracionais brasileiras.

### **3 Passos Metodológicos**

Esta pesquisa foi realizada em três etapas, utilizando método qualitativo. Na primeira etapa, foram consultados dados secundários na forma de artigos, matérias de jornais, blogs, sites de história, vídeos no Youtube e livros acerca da história de Recife e do movimento Manguêbeat.

Na segunda etapa, foram realizadas doze entrevistas, com pessoas que tinham alguma relação com a cidade de Recife. Durante o processo de seleção dos entrevistados, foram contactados músicos e produtores musicais da cidade de Recife com afinidade com o movimento Manguêbeat, contudo, não foi possível agendar um horário para a realização da entrevista. Com isso, o foco da pesquisa foi no público consumidor, pessoas de diferentes idades e ocupações profissionais como: advogados, funcionários públicos, estudantes de segundo grau, entre outros. Para a realização da pesquisa, foi redigido um roteiro semiestruturado (Anexo 1).

Na terceira e última etapa da pesquisa, foi feita uma análise dos resultados encontrados, observando pontos distintos e em comum dos entrevistados. As três etapas da pesquisa estão descritas a seguir de forma detalhada.

#### **3.1 Etapa 1**

Na primeira etapa do trabalho foi realizada uma pesquisa com dados secundários, contextualizando o movimento manguêbeat. Para isso, foi feita uma análise da história do estado de Pernambuco desde sua criação até o atingimento de Recife como uma potência socioeconômica. Os seguintes tópicos foram abordados: História de Pernambuco, cultura de Pernambuco, Movimentos culturais e musicais que formaram o Manguêbeat, a história de Recife incluindo: formação do sentimento de pertencimento dos moradores de Recife com a cidade, contextualização histórica dos movimentos musicais de Recife, a elevação de Recife como uma cidade musical, a história do Manguêbeat e o movimento Manguêbeat como uma necessidade de expressão popular em decorrência dos problemas sociais existentes.

Esta fase da pesquisa se deu por meio de fontes secundárias, desde artigos acadêmicos até livros acerca do tema. A partir desta contextualização, foi desenvolvido o conteúdo do capítulo 2.

Ao longo da pesquisa percebeu-se que o movimento tinha um forte caráter geracional. Portanto, também foi abordado no capítulo 2 os conceitos de coortes geracionais.

### **3.2 Etapa 2**

Após a pesquisa com dados secundários, iniciou-se a segunda etapa da pesquisa, constituída por uma pesquisa de campo com dados primários. Para a coleta de dados, optou-se pelo instrumento de entrevistas qualitativas com roteiro estruturado com pessoas que tenham ligação com a cidade de Recife (Anexo 1). Vale ressaltar que inicialmente a ideia era realizar entrevistas com músicos que tivessem relevância com o movimento manguebeat, contudo esses se mostraram sem tempo hábil para a realização da pesquisa ou não responderam o convite feito pelo pesquisador. Portanto, o foco foi ajustado para o público consumidor de música que tivessem uma conexão com a cidade do Recife.

As pesquisas foram realizadas através das plataformas Zoom Meetings e Google Meeting e tiveram uma duração média de 15 minutos por entrevistado. As entrevistas foram feitas de maneira online, visto que a maioria dos entrevistados são residentes da cidade de Recife. Os envolvidos na pesquisa foram selecionados pela acessibilidade, ou seja, conhecidos ou por indicação de amigos, e pelo método de “bola de neve”, quando um entrevistado indica outro.

A Tabela 1 apresenta os entrevistados com seu primeiro nome, suas ocupações atuais e suas idades.

Tabela 1: Lista dos Entrevistados

<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Profissão</b>
Helena	13	Estudante
Bel	12	Estudante
Ibrahim	13	Estudante
Carina	59	Psicóloga
Carlos	60	Engenheiro Civil
Marcus	57	Administrador de Empresas
Felipe	21	Advogado
Pedro	25	Advogado
Lara	27	Psicóloga
Thais	42	Repartidora
Getúlio	47	Funcionário Público
João	34	Empresário

Fonte: Elaborado pelo Autor.

Como visto na tabela, três dos entrevistados são menores de idade, para esses casos foram solicitados previamente a autorização de seus responsáveis legais para a realização das entrevistas.

### 3.3 Etapa 3

A análise das entrevistas teve início com o processo de transcrição dos áudios para a forma escrita. Essa etapa foi fundamental para garantir uma compreensão precisa das falas dos entrevistados. Os resultados obtidos por meio das transcrições foram estudados, com o intuito de identificar as opiniões dos participantes em relação ao Mangubeat e analisar a atitude dos entrevistados sobre o movimento no contexto atual.

Além disso, os dados secundários coletados foram confrontados com os dados primários obtidos por meio das entrevistas. Essa abordagem permitiu uma contextualização mais abrangente do Mangubeat como um movimento cultural, bem como a possibilidade de comparar as perspectivas expressas pelos entrevistados pertencentes a diferentes gerações.

Dessa forma, ao combinar os dados secundários e as entrevistas, foi possível enriquecer a análise e obter uma compreensão mais completa do Mangubeat, considerando tanto sua história e contexto original quanto sua relevância e impacto no cenário cultural atual de Recife.

### **3.4 Limitações do Método**

Antevê-se que algumas informações das respostas dos entrevistados podem ser enviesadas ao contexto social no qual os entrevistados estão inseridos. Ao se utilizar do método “bola de neve”, muitos dos entrevistados se conheciam e, portanto, podem tender a ter as mesmas preferências musicais.

Devido ao cronograma estruturado para a entrega da pesquisa, o número de entrevistados foi restrito, o que, por sua vez, pode limitar a quantidade de informações obtidas para a pesquisa.

## 4. Apresentação dos Resultados

Durante a realização das entrevistas, foi observada uma diferença significativa nas respostas de acordo com as diferentes gerações. Portanto, na apresentação dos resultados, as entrevistas foram organizadas seguindo as coortes geracionais propostas por Motta, Rossi e Schewe (2002).

Um fato curioso é que o ano de 1992, que corresponde ao ano de início da coorte geracional “Pós 1992”, também corresponde ao ano de nascimento do manguebeat, com Fred Zero Quatro escrevendo o Manifesto Caranguejos com Cérebro. Talvez, por conta disso, dentro da geração “Seja Você Mesmo” foram identificados dois grupos com respostas bem distintas. Portanto a análise desta geração será apresentada em dois grupos. As próximas seções apresentam o resultado das entrevistas agrupadas da forma descrita a seguir, começando das gerações mais novas:

- Entrevistados da geração Seja Você Mesmo (nascidos após 1992).
  - Entrevistados da geração Seja Você Mesmo (nascidos após 2002).
  - Entrevistados da geração Seja Você Mesmo (nascidos entre 1992 e 2002).
- Entrevistados da geração Década Perdida e Anos de Ferro (nascidos entre 1968 e 1991).
- Entrevistados da geração Otimismo (nascidos entre 1955 e 1967)

### 4.1. Entrevistados da geração Seja Você Mesmo (nascidos após 1992)

Para este estudo, foram realizadas entrevistas com um total de 6 indivíduos que nasceram após o ano de 1992. A escolha por essa coorte geracional específica se deve ao fato de que o movimento do Manguebeat começou a perder força a partir de 1997, com o falecimento de Chico Science.

Considerando que o Manguebeat teve seu início oficial em 1992, com a publicação do manifesto dos Caranguejos sem cérebro, que coincide com o início da coorte “Seja Você Mesmo”, essa coorte foi dividida em dois subgrupos. O primeiro é composto por indivíduos nascidos entre 1992 e 2002, com idades entre

31 e 21 anos. O segundo subgrupo engloba aqueles que nasceram após 2002, ou seja, com 20 anos ou menos.

#### **4.1.1. Entrevistados da geração Seja Você Mesmo (nascidos após 2002)**

Para essa análise foram entrevistadas três adolescentes: Bel (12 anos), Helena (13 anos) e Ibrahim (13 anos). Uma característica em comum dos três é que todos são do mesmo colégio, o Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco. Enquanto Bel e Ibrahim são nascidos e criados na cidade de Recife, Helena nasceu em Fortaleza e se mudou para lá quando tinha apenas cinco anos.

Os três alegam ter uma boa relação com a cidade, apesar disso, Helena e Ibrahim destacaram que a cidade possui problemas e Helena vai além, destacando o costume dos moradores de Recife de colocar caixas de som alta em locais públicos e o trânsito, o que ela considera pontos negativos da cidade.

Quando o assunto é música, os três divergem em suas respostas, enquanto no seu dia a dia, Ibrahim prefere ritmos como: o Trap Brasileiro, Helena e Bel tem preferência pelo MBP e o POP, e citam como exemplo: Taylor Swift, Djavan, Alceu Valença e Chico Buarque.

Quando questionados sobre os ritmos de Recife, os três respondem em consenso que não escutam em seu dia a dia. É interessante notar, no entanto, que a Helena diz escutar muito Alceu Valença e não o citou como um artista de Recife, quando perguntada sobre os ritmos locais.

Apenas Helena não conhecia e nunca havia ouvido falar sobre o Mangubeat. Bel, até conhecia o Chico Science, mas somente porque ele foi tema de uma questão de sua prova de história, ela inclusive pensava que ele ainda estava vivo. Interessante notar que Ibrahim é o único que escuta Mangubeat com frequência e muito por conta de seus pais:

Eu conheci o Mangubeat pelos meus pais, porque meu pai tinha um bar e Chico Science ele frequentava, sabe? E eu escuto muito, acho muito massa! (Ibrahim)

Os entrevistados não acreditam que sua geração tenha um consumo significativo do Mangubeat. Todos eles responderam que, provavelmente, a maioria de seus colegas de turma sequer conhece o movimento, assim como Helena.



Sobre a essência do Mangubeat, Bel que não conhece muito sobre o movimento relaciona logo com o nome Manguê e alega que o objetivo principal do movimento é mostrar a destruição dos mangues no formato de música. Já Ibrahim, analisa de uma forma mais subjetiva e diz que para ele a síntese do movimento Mangubeat é a música da Nação Zumbi: A Cidade, na qual Chico Science faz uma crítica social a desigualdade social presente em Recife. Ibrahim entende que o Mangubeat critica tudo de ruim e desumano que acontece em Recife.

Eles acreditam que o foco geracional do Mangubeat sejam adultos de 40 a 60 anos que viveram o movimento na década de 1990 e dizem que o ritmo é regional, não sendo popular nos outros Estados e Regiões brasileiras e nem popular mundialmente.

Quando questionados sobre o tema de pesquisa do estudo: Como fortalecer o movimento Mangubeat sem perder a sua essência, Ibrahim acredita que a solução são as gerações mais velhas passarem os valores do movimento para seus filhos, enquanto isso Bel vai pelo caminho da modernização do movimento para chamar a atenção das novas gerações:

Eu acho que perdeu a força porque o estilo da música não é tão moderno para a nossa geração que está usando muito o Tik Tok. O estilo de música mudou muito e para agregar isso nessa geração, poderia colocar o Mangubeat no formato dessa geração de adolescentes e infiltrar o Mangubeat nesses estilos de música. (Bel)

#### **4.1.2. Entrevistados da geração Seja Você Mesmo (nascidos entre 1992 e 2002)**

Foram entrevistadas três pessoas com idade entre 31 e 21 anos. Felipe (21 anos), Pedro (25 anos) e Lara (27 anos). Enquanto Felipe e Pedro, são advogados, Lara é estudante de Psicologia.

Os três nasceram em Recife e sempre moraram na cidade. Ao descreverem sua relação com a cidade de Recife, assim como os adolescentes entrevistados, dizem amar muito a cidade e ter muito orgulho de serem de lá, apesar de saberem que Recife possui diversos problemas sociais e estruturais.

Outro ponto em comum dos entrevistados é que todos gostam de escutar ritmos recifenses em suas rotinas diárias, divergindo dos adolescentes entrevistados. Enquanto Lara e Felipe se dizem ouvintes de Brega e Forró, Pedro

já cita logo de cara Nação Zumbi e diz gostar muito de Mangubeat. Lara diz, que muito por conta de seus pais, ela sempre escutou de maneira bem orgânica todos os ritmos que a cidade de Recife pode lhe proporcionar.

Nenhum dos três se lembra de um momento específico em que conheceram o Mangubeat, Felipe inclusive diz que o Mangubeat é intrínseco à população de Recife:

Aqui você já cresce conhecendo o movimento, tem vários monumentos pela cidade e todo mundo conhece, todo mundo escuta. Inclusive, na final da Copa do Nordeste entre Sport e Ceará foi o estádio todo cantando Do caos à Lama. (Felipe)

Pedro conta que gosta tanto de Nação Zumbi e dos artistas da geração do mangubeat que já foi em diversos shows da banda, mesmo após a morte de seu líder Chico Science:

Gosto muito de Nação Zumbi. Mangubeat eu gosto muito. Dos artistas da geração Mangubeat. Eu tive uma fase que Nação Zumbi era a minha banda preferida, sabe? Não peguei Chico Science porque ele morreu antes de eu nascer mas peguei Jorge du Peixe e já fui para muitos shows. Acho que foi a banda que eu já fui para mais shows.

Todos acreditam que seus respectivos ciclos de amigos conhecem o Mangubeat. Um consenso entre os entrevistados é que apesar de não ser um ritmo que talvez seja escutado todos os dias, é um ritmo conhecido pelas pessoas de suas idades.

Quando perguntados sobre a essência do Mangubeat, Pedro e Lara foram pelo mesmo caminho. Ambos defendem que o é impossível desassociar o Mangubeat de outros ritmos locais, como: O Maracatu, O Frevo e a Ciranda e dizem que a essência do ritmo é pegar o tradicional e transformar em algo novo. Pedro ainda vai além, e diz que o Mangubeat é um ato político de resistência cultural. Felipe, vai pelo mesmo caminho de Bel e relaciona o movimento à destruição dos mangues.

Pedro, comenta que o legado do Mangubeat para a cidade de Recife é de extrema importância, sendo um marco histórico para a cidade:

Pô velho, eu acho que de história recente é uma das coisas mais importantes que já aconteceram aqui. Eu acho que toda a

geração minha e um pouco mais velha do que eu, foi moldada por isso. Nosso caráter, nossa forma de enxergar a cidade foi moldada por isso. Então eu acho que a cena cultural daqui foi antes do Mangubeat e depois do Mangubeat, sabe? Pessoal comenta que na década de 1990 era uma efervescência muito grande. (Pedro)

Assim como os adolescentes entrevistados, Pedro, Lara e Felipe também acreditam que a geração que mais escuta o Mangubeat sejam pessoas que tenham entre 40 e 60 anos e que viveram o Mangubeat na década de 1990.

É interessante notar que todos os entrevistados nessa faixa de idade acreditam que o Mangubeat seja apenas conhecido regionalmente dentro do território brasileiro, mas que talvez internacionalmente ele seja um movimento conhecido por estudiosos da música. É curioso pensar que no imaginário popular um ritmo brasileiro seja mais conhecido mundo afora que dentro de seu próprio país.

Para Pedro, para fortalecer o movimento sem perder sua essência, o estado tem papel fundamental. De acordo com ele, é dever do estado promover eventos culturais populares para apoiar os ritmos locais. Ele acredita que o Mangubeat ainda se mantém atualmente, mas em menor escala e precisa de incentivos estatais para continuar se mantendo.

Para Felipe, o grande problema para o Mangubeat ter perdido força ao longo das últimas décadas é a repetição excessiva de críticas sociais à cidade. Ele acredita que novas bandas não surgem porque os novos artistas querem falar sobre outros assuntos que não sejam os mangues e a cidade de Recife, ele concorda que os problemas sociais retratados por Chico Science ainda continuam presentes no cotidiano dos recifenses, entretanto as novas gerações não querem ficar escutando sobre isso. Felipe, entretanto, não disse nenhuma alternativa para fortalecer o movimento novamente pois acredita que não exista essa possibilidade.

#### **4.2. Entrevistados da geração Década Perdida e Anos de Ferro (nascidos entre 1968 e 1991)**

Nessa seção, as coortes Década Perdida e Anos de Ferro foram analisadas de maneira conjunta. Foram entrevistadas três pessoas. Thaís (42 anos) que é repartidora e atualmente mora em Santiago, no Chile. Getúlio (47 anos) que é

funcionário público e João (34 anos) que atua como empresário e mora no Rio de Janeiro.

Uma particularidade dessa geração de entrevistados, é que apenas Getúlio habita atualmente na cidade de Recife. Thaís já mora no Chile há quatro anos e meio, enquanto João está no Rio de Janeiro há seis anos.

Os três começam a entrevista enaltecendo a cidade de Recife e todas as suas belezas naturais. Thaís afirma ser “Bairrista”, termo utilizado por pessoas que possuem afeição especial ou exagerada à sua cidade ou estado.

Quando questionados sobre seus ritmos preferidos, Thaís e João se dizem ouvintes de MPB e citam como exemplo: Caetano Veloso, Gilberto e Jorge Ben Jor. Thaís também diz gostar muito de Rock, assim como Getúlio. Apesar de ser funcionário público, um dos hobbies preferidos de Getúlio é tocar bateria e seu ritmo preferido é o Rock. Gosta muito de sons que tendem ao Heavy Metal, como Mettlica e Led Zeppelin.

Eles afirmam adorar os ritmos regionais, Thaís diz que quando bate a saudade de Recife ela sempre escuta o Coco e o Frevo e tem uma *playlist* no Spotify só com ritmos de Recife, na qual tem várias músicas da Nação Zumbi e do Mundo Livre S/A. Enquanto isso, Getúlio vai para o lado do Rock, até se tratando de bandas de Recife. Ele cita um grupo de Recife chamado Devotos do Ódio, cujo ritmo tocado pela banda é o Punk Rock. João diz que gosta, contudo é mais um apreciador do que um ouvinte ávido.

Os entrevistados nessa coorte geracional viveram sua adolescência, ou parte dela, durante a década de 1990 e contam que era impossível não conhecer o movimento do Mangubeat nesse período.

Quando perguntados se consomem o Mangubeat atualmente, Getúlio dá uma resposta muito interessante, que incorpora a essência do Mangubeat:

“Bicho, defina Mangubeat? Eu defino como a p\*\*\*a toda que Chico e a galera lá de noventa achava que era. Eu escuto Devotos do Ódio direto, vou a show direto. Na Definição do ritmo tocado é Mangubeat? Claro que não! É Punk Rock bom pra ca\*\*\*\*o! Mas Chico e Cannibal (vocalista do Dévotos do Ódio) eram *brother* para ca\*\*\*\*o e defendiam a mesma ideia de revolução musical. E aí? Vai falar que essa p\*\*\*a não é Mangubeat?” (Getúlio).

Thaís e Getúlio acreditam que seus respectivos ciclos de amigos ainda consomem bastante o Mangubeat atualmente, porém João além de não

consumir muito ritmos regionais de maneira geral, acredita que seus amigos também não escutam com frequência. No entanto, todos os três entrevistados concordam que o público-alvo do movimento Manguebeat é a geração que vivenciou sua adolescência na década de 1990.

Sobre o legado do Manguebeat para a cidade de Recife, Thaís acredita que a sua importância se divide em duas vertentes, a social e a musical:

“Socialmente o Manguebeat quis mostrar a pobreza e a riqueza que existem nessas populações e nessas comunidades de Recife. E também numa questão musical é aproveitar os sons tanto mais elétricos quanto os sons mais populares da percussão gerando essa mistura que é bem antropofágica” (Thaís).

Thaís também acredita que o Manguebeat seja um movimento conhecido em todo o Brasil, contudo apenas para pessoas que possuam a sua faixa de idade. Getúlio e João entretanto, não acreditam nessa hipótese, e afirmam que seja um ritmo apenas de alcance regional.

Sobre o fortalecimento do movimento sem a perda de sua essência, Thaís acredita que o mercado fonográfico mudou muito ao longo dessas últimas décadas. De acordo com ela, para o Manguebeat voltar a ganhar força, seria necessária uma nova leitura do movimento. Como sugestão ela cita a criação de alguma banda que resgate as ideias do Manguebeat e modernize o ritmo.

Getúlio acredita que o movimento do Manguebeat ainda se mantenha muito forte nos dias de hoje e que não precisa de atitudes para fortalecer o movimento, contudo apenas na cidade de Recife:

“Bicho é isso que as pessoas não entendem. A ideia do Manguebeat nunca foi ser forte no Brasil. O Chico ter bombado e vendido uma po\*\*\*\*a de disco foi sorte com talento. O que ele mais queria era dar voz para Recife e isso ele conseguiu. F\*\*\*-se o fortalecimento no Brasil, eles continuam igualmente fortes aqui, isso que importa” (Getulio)

Por fim, João disse que o movimento teve seu momento, mas que é um ritmo geracional e, portanto, não há nada a ser feito para fazer as novas gerações se interessarem. João define o movimento Manguebeat como: “Datado” e afirma que: “Assim como tudo na vida o seu momento já passou.”

#### **4.3. Entrevistados da geração Otimismo (nascidos entre 1955 e 1967)**

Para essa coorte geracional, foram entrevistadas três pessoas, Carina (59 anos) que é psicóloga e atua como professora universitária, Carlos (60 anos) que é Engenheiro Civil e Marcus (57 anos) que é Administrador de Empresas.

Enquanto Carlos e Carina nasceram na cidade de Recife, Marcus é natural do Ceará e se mudou para Recife há 29 anos atrás, em 1994. Os três ao serem questionados sobre sua relação com a cidade de Recife, assim como todos os outros entrevistados, elogiam muito a metrópole, com destaque para Marcus que mesmo sendo natural do Ceará, afirma que atualmente gosta mais de Recife do que da cidade na qual nasceu, Fortaleza.

Ao serem questionados sobre quais estilos de música eles mais escutam em seu dia a dia, os três já respondem de cara ritmos regionais como: O Caboclinho, A Ciranda, O Maracatu e o Frevo. Além disso, também foram mencionados os músicos Pernambucanos consagrados no cenário nacional: Alceu Valença, Geraldo Azevedo e Lenine. Interessante notar que mesmo eles tendo costume de escutar majoritariamente ritmos regionais em suas rotinas, inicialmente o Mangubeat não foi citado por nenhum dos entrevistados.

Após serem questionados se conheciam o movimento Mangubeat, todos afirmaram que sim e que gostavam muito, mesmo não tendo citado o Mangubeat como um dos ritmos mais escutados em suas rotinas.

Os entrevistados nesse momento da entrevista relacionaram o movimento do Mangubeat à figura de Chico Science. Carina por exemplo, diz só ter conhecido após a morte de Chico Science e Marcus aponta que tinha até CD do músico:

“Eu conheci o Mangubeat, logo depois que eu cheguei aqui (1994), que tinha o Chico Science, eu adorava o Chico Science! Então eu conheci o Mangubeat através dele e isso em Olinda, durante o Carnaval era tocado, muito bom!” (Marcus).

Interessante notar que cada um dos entrevistados consome o Mangubeat de forma distinta. Enquanto Marcus escuta no serviço de streaming Spotify e através de Vídeos no Youtube, Carlos consome apenas durante o período do Carnaval, pois de acordo com ele, vários blocos da cidade tocam músicas da Nação Zumbi durante esse período. Já Carina, diz não ter costume de escutar sozinha, apenas quando toca em festas e festivais nos quais ela está presente.

Nenhum deles pareceu conhecer o grupo de Chico Science, a Nação Zumbi, Carlos deixa isso explícito quando diz:

“A banda dele parece que ainda está na ativa, né? Qual o nome mesmo? Eles são muito bons!” (Carlos).

Quando questionados se seu ciclo de amigos consome o Mangubeat, Carlos e Carina disseram que não, enquanto Marcus diz que seus amigos consomem, entretanto, menos que ele.

Sobre a essência do movimento Mangubeat, Carina e Marcus focam na questão da relação com a natureza e preservação dos manguezais através da música. Enquanto isso, Carlos comenta sobre um ponto interessante, de acordo com ele a essência do Mangubeat é dar voz as pessoas do subúrbio que nunca haviam sido ouvidas.

Sobre a questão de como fortalecer o movimento do Mangubeat sem perder a sua essência, Carlos e Carina acreditam que o estado é o principal responsável para fazer o movimento voltar a ganhar força. De acordo com ele, a falta de patrocínios de eventos voltados para o Mangubeat é um dos fatores para a perda de força do movimento ao longo das últimas duas décadas. Carlos ainda critica a má utilização da Lei Rouanet, e cita o cantor sertanejo Gusttavo Lima, que durante a pandemia se utilizava da lei para marcar shows em cidades do interior do Brasil. Foi descoberto que Gusttavo Lima era pago com o dinheiro público proveniente da Lei Rouanet e depois os seus shows eram cancelados. Para Carlos portanto, para o movimento voltar a ganhar força, seria necessária uma verba destinada à cultura, alinhado com a criação de eventos culturais por parte do Estado que sejam focados em Mangubeat.

Marcus não soube responder à pergunta e afirmou que é uma questão muito complexa e com muitas variáveis envolvidas.

## **5 Discussões e Propostas**

Após recolher dados secundários sobre a formação do estado de Pernambuco, o processo de construção dos movimentos culturais da cidade de Recife e o contexto sociocultural para a ascensão do Manguêbeat, as entrevistas foram de extrema importância para nortear discussões e propostas apresentadas a seguir, acerca do fortalecimento do movimento sem a perda da sua essência.

De acordo com a análise realizada, são três os principais pontos de estudo em relação ao fortalecimento do Manguêbeat como movimento: (1) Falta de apelo para as novas gerações. (2) As estratégias estatais a serem adotadas para fortalecimento do movimento Manguêbeat e (3) Novos Caminhos Para o Manguêbeat.

### **5.1. Falta de Apelo para as Novas Gerações**

Há um consenso entre os entrevistados que as pessoas entre 40 e 60 anos são os maiores consumidores do movimento do Manguêbeat, visto que eles estavam vivos na década de 1990 e viveram o auge do movimento. Entretanto, foi observado que o impacto da obra de Chico Science afetou mais a primeira geração da coorte geracional do Faça Você Mesmo que pessoas da coorte do Otimismo. Durante a pesquisa, nota-se que jovens nascidos entre 1992 e 2002 se mostraram ouvintes mais ávidos do Manguêbeat em suas rotinas do que parte do grupo geracional apontado como o público-alvo do movimento.

A partir de então, a influência do Manguêbeat vai decaindo, até o ponto dos adolescentes de hoje em dia, que residem na cidade de Recife nem sabem do que se trata.

Para voltar a ter relevância no cenário fonográfico, o Manguêbeat precisa saber se comunicar melhor com as novas gerações. Um fenômeno muito comum encontrado durante as entrevistas, são os pais passando seus gostos musicais para os seus filhos e essa ser a causa deles conhecerem o movimento. No entanto, se os pais não incentivam esse gosto pelo Manguêbeat, os filhos muitas vezes nem sabem do que se trata.



Um desses casos é o de Ibrahim, um dos entrevistados, que apesar de conhecer o Mangubeat e escutar ocasionalmente, só o faz, pois, seu pai possuía um bar no qual Chico Science frequentava.

Com a internet, a propagação das informações está cada vez mais facilitada, no entanto, novos ritmos e tendências são lançados em um intervalo de tempo cada vez menor.

Caso o Mangubeat queira voltar a se fortalecer como movimento, será necessário se comunicar com o público mais jovem e se adequar a novas plataformas que ditam as tendências do mercado da música atualmente, como o Tik Tok.

Essa inclusive é a principal queixa de Bel, uma das entrevistadas, a falta de modernidade do ritmo. Ouvinte de Cantoras do Pop Internacional como: Taylor Swift, Bel acredita que o Mangubeat não seja um ritmo moderno.

A forma de consumo também mudou, Da Lama Ao Caos e Afrociberdelia são discos feitos para serem escutados de maneira completa, sem interrupções. O problema se encontra, portanto, a partir do momento que as pessoas consomem música majoritariamente por plataformas de Streaming, como: Spotify e Apple Music. Com isso, álbuns feitos para serem apreciados por completam se limitam a músicas soltas, jogadas em “Listas de reproduções” com diversos artistas. Isso dificulta o interesse das novas gerações ao ritmo do Mangubeat.

## **5.2. A sucessão de Chico Science**

Quando Chico Science morreu em 1997, o movimento do Mangubeat estava em seu auge e toda a população de Recife foi pega de surpresa. A Nação Zumbi sempre puxou os holofotes para si, quando se tratava da relevância das bandas do movimento Mangubeat. No entanto, outras bandas como o Mundo Livre S.A também fizeram sucesso e chegaram a fazer turnês internacionais.

Chico Science, devido ao seu carisma e talento, era o protagonista do movimento e com a sua morte de maneira repentina, ele virou um mártir, fazendo o movimento ter um aumento momentâneo de vendas nos CDs e virando notícias em todos os portais.

No entanto, de certa forma isso foi maléfico para a continuidade do movimento, pois Chico Science se torna a partir desse momento, maior que o próprio Mangubeat e as pessoas não mais relacionavam sua obra à sua banda Nação Zumbi, mas ao seu nome artístico.

Um fenômeno percebido durante as entrevistas é que os entrevistados ao se referirem ao Mangubeat falavam apenas de Chico Science, poucos se lembravam o nome de sua banda e apenas Bel e Pedro recordaram de outras bandas como o Mundo Livre S.A.

Marcus e Carlos, dois dos entrevistados, por exemplo, nem se lembravam o nome da banda da qual Chico Science fazia parte, a Nação Zumbi.

Aparentemente, a sucessão de Chico Science foi feita de forma desestruturada, até mesmo por conta de sua morte inesperada, e o cenário do movimento Mangubeat não teve tempo hábil suficiente para encontrar alguém que chegasse à altura de Chico Science e pudesse levar a sua mensagem para frente.

Ao longo da história do Brasil, tivemos diversos movimentos culturais. Uma Característica em comum entre eles é a presença de um artista que se torna o “porta-voz” do movimento. Como exemplo podemos citar: Roberto Carlos no movimento da Jovem Guarda e Caetano Veloso no movimento Tropicalista.

Essa presença do “porta voz” é de extrema importância para qualquer movimento cultural, e, a partir do momento que se tem a perda desse líder, corre-se um risco maior dos movimentos perderem sua visibilidade e consequentemente sua força.

### **5.3. Novos caminhos para o Mangubeat**

Caso o Mangubeat queira voltar a se fortalecer como um movimento, ele precisa começar a pensar em novos possíveis caminhos a serem tomados.

O primeiro possível caminho é pensar na inserção do movimento nas novas mídias. O Tik Tok é cada vez mais uma plataforma que molda e lança as novas tendências no mercado fonográfico. O maior desafio para o Mangubeat nesse quesito, no entanto, seria manter a sua essência, dentro de uma plataforma que os vídeos são feitos pensando em coreografias que viralizem e tenham até no máximo quinze segundos de duração.

O estado também tem papel fundamental para a preservação da memória do movimento. É papel dele, distribuir incentivos com ações e iniciativas para disseminação não apenas do Mangubeat, mas da cultura popular como um todo. Instituições como a Secretaria de Cultura do Município de Recife, deve realizar a inserção de eventos focados apenas no Mangubeat e a Prefeitura da Cidade de Recife deve colocar a cultura pernambucana como matéria de ensino obrigatória dentro das instituições escolares para os jovens aprenderem desde cedo sobre

suas raízes e origens. A educação desempenha um papel fundamental na preservação do movimento Mangubeat pois a manutenção do patrimônio cultural de um local passa pela educação, seja por meio de atividades lúdicas, como brincadeiras e jogos, ou por meio de aulas teóricas. Um exemplo disso é o relato de Bel, uma das entrevistadas. De acordo com Bel, ela teve seu primeiro contato com o Mangubeat devido a uma pergunta sobre a música "A Cidade", da banda Nação Zumbi, em uma de suas provas de História.

Através da educação, uma nova geração interessada no movimento Mangubeat pode surgir. Com isso, a probabilidade de novos artistas aparecerem fazendo uma releitura do movimento torna-se maior. Assim como o Rock teve várias vertentes a partir dele, como o Punk Rock e o Heavy Metal, caso o Mangubeat queira ter longevidade, é necessário a criação de novas vertentes dentro do próprio Mangubeat que peguem a essência trazida na década de 1990 e mantenha trazendo algumas atualizações e adaptações para o cenário fonográfico atual e que também converse com a situação socioeconômica da cidade de Recife nos dias de hoje.

## 6. Conclusão

Esta pesquisa se propôs a investigar maneiras de fortalecer o movimento do Mangubeat para as novas gerações sem perder sua essência. Para isso, foi elaborada uma pesquisa de caráter exploratório, em que primeiramente foram analisados dados secundários e, em seguida, foram realizadas entrevistas aos moradores da cidade de Recife, buscando contemplar diferentes idades e profissões entre os entrevistados. Com base nesses dados, se fez possível analisar em qual o cenário o movimento se encontra e qual a opinião da população recifense acerca dele.

A partir dos dados de contextualização conseguimos compreender o processo de formação do estado de Pernambuco e da criação de Recife como uma potência socioeconômica dentro do estado de Pernambuco. Durante seus mais de 400 anos de história, Recife passou por diversas transformações socioeconômicas e saiu de uma próspera capitania com a exportação de cana de açúcar para uma metrópole com diversos problemas sociais. Também foi abordado como a música sempre acompanhou o processo de formação tanto de Pernambuco quanto de Recife e como o povo escravizado teve participação ativa nesse processo. Os estilos de música nascidos no local foram estudados para entendermos o contexto do surgimento do movimento Mangubeat.

A partir das entrevistas foi possível investigar a opinião de diferentes gerações da população de Recife sobre o movimento do Mangubeat. Na perspectiva dos entrevistados, o Mangubeat é de suma importância para o cenário cultural da cidade de Recife, mesmo que ele atualmente não possua a mesma relevância que adquiriu em sua origem.

A pesquisa relevou uma diferença importante nas respostas dos entrevistados de acordo com sua geração. Na perspectiva dos mais velhos, o movimento foi um acontecimento decisivo para a cidade ganhar uma perspectiva no cenário fonográfico mundial, mas a maioria dos entrevistados entre 40 e 60 anos, não escutam com tanta frequência atualmente. Mesmo assim, os moradores de Recife nessa faixa etária, escutam muitos ritmos locais, como o Frevo e o Maracatu, especialmente durante o Carnaval. Já os entrevistados mais jovens que consomem música em novos formatos como streaming e mídias sociais, o estilo

não chega até esta geração. Um fenômeno identificado nas gerações mais jovens são os pais passando seus gostos musicais para os seus filhos e essa ser a causa deles conhecerem o movimento. No entanto, se os pais não incentivam esse gosto pelo Mangubeat, os filhos muitas vezes nem sabem do que se trata.

Observa-se que, de acordo com o público mais jovem, é necessário que o Mangubeat se adapte aos novos formatos e plataformas, como o TikTok e o Reels do Instagram, para recuperar sua relevância. No entanto, essa adaptação entra em conflito com a essência do movimento, pois ao fazê-lo, o Mangubeat poderia perder parte de sua identidade e essência.

Como futuros estudos há diversos pontos que podem ser explorados. Uma questão que surgiu nesta pesquisa que merece especial atenção é a da importância do branding dos artistas. Chico Science é um bom exemplo disso, visto que para muitos entrevistados ao falar de Mangubeat, o conhecimento acerca do movimento se restringe à figura de Chico Science. Isso fica claro quando se nota que Fred Zero Quatro, um dos criadores e figura importante do movimento, é pouco citado pelos entrevistados.

Outro ponto que pode ser explorado em pesquisas futuras é a questão do aprendizado e a formação do gosto musical transmitido entre gerações. O movimento do Mangubeat é em sua essência um ritmo do cenário *underground* e por mais que tenha feito muito sucesso antigamente, o seu público-alvo tinha como propósito principal ter um “lugar de fala”, onde pudesse expressar sua indignação com o cenário no qual Recife se encontrava. É muito difícil portanto, em um mercado fonográfico cada vez mais homogêneo, o movimento Mangubeat conseguir voltar a crescer sem perder sua essência, visto que sua essência anda na direção oposta de tudo aquilo que é rentável para o mercado fonográfico atual.

Respondendo à questão de pesquisa: “Como fortalecer o movimento Mangubeat para as novas gerações sem perder sua essência?” Nota-se que o principal legado deixado pelo Mangubeat é o respeito e amor que a população de Recife voltou a ter com a cidade. Nesse sentido, a preservação da essência do Mangubeat é mais importante do que buscar popularidade entre as novas gerações. Investir em novas mídias consumidas pela geração atual seria contrário à própria essência do movimento. Em vez disso, é fundamental preservar o Mangubeat como patrimônio histórico e cultural, por meio da educação e de políticas públicas adequadas. Essa abordagem permitiria que o legado do Mangubeat não se perdesse, incentivando os pais a compartilharem com seus filhos a história do movimento e, conseqüentemente, inspirando novos artistas a

criarem obras que sejam influenciadas pelo Mangubeat, mantendo assim a arte viva.

## 7. Referências

AFONSO, L. **Maracatu: o que é, história, tipos, instrumentos - Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/cultura/maracatu.htm>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL AFRO-BRASILEIRA MARACATU NAÇÃO PICI. Associação Cultural Afro-Brasileira Maracatu Nação Pici-ACAMPI Registrado em DISTRIBUIÇÃO DAS ALAS E PERSONAGENS DO MARACATU NAÇÃO PICI PARA O ANO DE 2021. 2021.

BARBOSA, M. **Guerra dos Mascates: o que foi, contexto, causas - Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historiab/guerra-dos-mascates.htm>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

BEZERRA, J. **História de Pernambuco: território, conflitos, ocupação e colonização - Toda Matéria**. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/historia-de-pernambuco/>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

BEZERRA, J.; REGINATO, L. **MANGUEBEAT**. SAO PAULO: PANDA BOOKS, 2017.

BORGES, R.; MEDEIROS, D. E. MEDEIROS, Roseana Borges de. Maracatu rural: luta de classes ou espetáculo? MARACATU RURAL: LUTA DE CLASSES OU ESPETÁCULO? (Um estudo das expressões de resistência, luta e passivização das classes subalternas). 2003.

CAETANO, E. **Frevo: origem, características, tipos - Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/frevo-danca-cultura-pernambucana.htm>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

FERNANDES, C. **Insurreição Pernambucana. O que foi a Insurreição Pernambucana?** Disponível em: <<https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/insurreicao-pernambucana.htm>>. Acesso em: 17 abr. 2023a.

FERNANDES, C. **Guerra dos Mascates.** Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/guerras/guerra-dos-mascates.htm>>. Acesso em: 17 abr. 2023b.

FIGUEIREDO, F. **Pernambuco e suas revoltas | Nerdologia** . YouTube, , 5 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=r6iw9LdkhgY>>. Acesso em: 17 abr. 2023

GALO DA MADRUGADA. **Galo da Madrugada.** Disponível em: <<http://www.galodamadrugada.com.br/historia-br/>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

GARCIA, L. In: TELES, J. **DA LAMA AO CAOS Que som é esse que vem de Pernambuco?** 2019. ed. SÃO PAULO: EDIÇÕES SESC SÃO PAULO, 2019.

GOVERNO DE PERNAMBUCO. **Governo de Pernambuco - História.** Disponível em: <<https://www.pe.gov.br/historia>>. Acesso em: 16 abr. 2023.

GOVERNO DE PERNAMBUCO. **O Recife - Histórias de uma cidade.** Disponível em: <<http://www.recife.pe.gov.br/pr/seccultura/fccr/historia/cap9/textos.html>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

HIGA, C. **Revolução Pernambucana: causas, líderes, importância - Brasil Escola.** Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/historiab/revolucao-pernambucana.htm>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

IPHAN. **Notícia: Frevo celebra 10 anos como Patrimônio Cultural - IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.** Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/3989/frevo-celebra-10-anos-como-patrimonio-cultural>>. Acesso em: 17 abr. 2023.



IPHAN. Frevo-Patrimônio Cultural brasileiro.  
<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Frevo%20%E2%80%93%20Patrim%C3%B4nio%20Cultural%20brasileiro.pdf>, [s.d.].

LINS, L.; MAIA, L. Na moda, Chico Science imprimiu legado nas chitas e no chapéu coquinho de palha | Viver: Diário de Pernambuco.  
<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2016/03/na-moda-chico-science-imprimiu-legado-nas-chitas-e-no-chapeu-coquinho.html>, 2016.

MARCIANO, I.; LIMA, F. Maracatu nação e grupos percussivos: diferenças, conceitos e Histórias. **História: Questões & Debates**, v. 61, n. 2, p. 303–328, 18 dez. 2014.

MELO, M. **T01 E02: FREVO | Esse Som é Massa - YouTube**. YOUTUBE, 2021a. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hl4f2FfszWY>>. Acesso em: 17 abr. 2023

MELO, M. **T01 E04: MANGUEBEAT | Esse Som é Massa - YouTube**. , 2021b. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=e7lDtdp2Mck>>. Acesso em: 17 abr. 2023

MELO, M. **T01 E01: MARACATU | Esse Som é Massa - YouTube**. YOUTUBE, , 6 mar. 2021c. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=v\\_KP7qgrkxo&t=634s](https://www.youtube.com/watch?v=v_KP7qgrkxo&t=634s)>. Acesso em: 17 abr. 2023

MONTEIRO, T. **Conheça as alas do maracatu, que é atração na avenida Domingos Olímpio | VidaEArte | OPOVO+**. Disponível em: <[https://mais.opovo.com.br/jornal/vida\\_e\\_arte/2019/02/38748-conheca-as-alas-do-maracatu--que-e-atracao-na-avenida-domingos-olimpio.html](https://mais.opovo.com.br/jornal/vida_e_arte/2019/02/38748-conheca-as-alas-do-maracatu--que-e-atracao-na-avenida-domingos-olimpio.html)>. Acesso em: 17 abr. 2023.

MONTEZUMA, P. Os Carnavais e o Galo. 1985.

MOTTA, Paulo C.; ROSSI, Mônica; SCHEWE, Charles D. Generational marketing: exploring cohort-programmed values and their implications on cross-

cultural variations in consumer behavior between Brazil and United States. Revista Portuguesa de Marketing, ano 6, n. 12, p. 11-21, 2. sem. 2002.

MUSEU TATE MODERN. **MUSEU TATE MODERN**. Disponível em: <<https://www.tate.org.uk/tate-etc/issue-10-summer-2007/be-outlaw-be-hero>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

OLIVEIRA, P. **Pernambuco já foi um país - YouTube**. YOUTUBE, , 6 mar. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7uMtKgVJzeg>>. Acesso em: 17 abr. 2023

PINTO, T. **Insurreição Pernambucana (1645-1654) - Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historiab/insurreicao-pernambucana-1645-1654.htm>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

PORTAL DO MARACATU. **Breve história - Maracatu**. Disponível em: <<https://maracatu.org.br/o-maracatu/breve-historia/>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

SARMENTO, L. UFPE-UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO CFCH-CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA PATRIMONIALIZAÇÃO DAS CULTURAS POPULARES Visões, reinterpretações e transformações no contexto do frevo pernambucano. 2010.

SILVA, D. **Revolução Pernambucana de 1817 - História do Mundo**. Disponível em: <<https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/revolucao-pernambucana-1817.htm>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

SOUZA, A. A relação do recifense com o manguezal da cidade | Local: Diário de Pernambuco. <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2017/07/a-relacao-do-recifense-com-o-manguezal-da-cidade.html>, 2017.

STRAUSS, William; HOWE, Neil. Generations. New York: William Morrow, 1991.

TELES, J. **DA LAMA AO CAOS Que som é esse que vem de Pernambuco?** 2019. ed. SÃO PAULO: EDIÇÕES SESC SÃO PAULO, 2019.

THE NEW YORK TIMES, 1996 IN: BEZERRA, J.; REGINATO, L. **MANGUEBEAT**. SAO PAULO: PANDA BOOKS, 2017.

VALOIS, L. **A HISTÓRIA DO MARACATU - Origem do Maracatu - YouTube**. YOUTUBE, , 11 set. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=m622Y1SVQOQ>>. Acesso em: 17 abr. 2023

## 8. Anexo

### ANEXO 1

#### ROTEIRO PARA A ENTREVISTA

- 1- Qual é a sua relação com a cidade de Recife?
- 2- Quais os estilos de música que você consome em geral?
- 3- Qual é a sua relação com a música de Recife?
- 4- Quais os estilos de música do Recife vc consome?
- 5- Conhece o mangubeat?
- 6- Como conheceu?
- 7- Consome este estilo de música? Como? (vídeo, streaming de música, show, eventos?)
- 8- O seu ciclo de amigos consome este estilo de música?
- 9- Na sua opinião, qual é a essência do mangubeat?
- 10- Na sua opinião, qual é a importância do mangubeat para a cidade do Recife?
- 11- Na sua opinião, quais gerações consomem este estilo de música?
- 12- Acredita que seja um estilo conhecido em todo Brasil?
- 13- E no mundo?

14- Na sua opinião, como fortalecer o movimento Mangubeat para as novas gerações sem perder sua essência?